

CROSTAS LATERÍTICAS E NOMENCLATURAS CARTOGRÁFICAS ADOTADAS EM MAPAS GEOLÓGICOS E GEOMORFOLÓGICOS NO BRASIL

Iza, E.R.H.F.^{1 2}; Horbe, A.M.C²; Herrera, I.L.I.E.³;

¹ Serviço Geológico do Brasil, Av. Lauro Sodré, 2561, São Sebastião, Porto Velho, 76801-581, Brasil, edgar.iza@cprm.gov.br;

² Universidade de Brasília, Instituto de Geociências, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília, 70910-900 Brasil

³ Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Geografia, PPGG Porto Velho, 76801-059 Brasil.

RESUMO: As crostas lateríticas são produtos gerados a partir do intenso intemperismo químico em ambientes tropicais e são consideradas excelentes testemunhos paleoclimáticos, são, portanto, úteis em estudos geomorfológicos e podem concentrar elementos como Fe, Al, ETR, Mn, etc., constituindo assim excelentes alvos metalogenéticos. Apesar de sua importância geológica, metalogenética e paleoambiental as crostas lateríticas são muitas vezes consideradas irrelevantes nos mapas geológicos e geomorfológicos, e em boa parte dos mapas as referências a elas ou aos seus produtos de desmantelamento são imprecisas ou incorretas. Nos mapas geológicos as crostas lateríticas são frequentemente referenciadas como coberturas detrito-lateríticas, e nos casos mais críticos podem ainda ser inseridas nas coberturas sedimentares indiferenciadas. O termo “detrito” está relacionado a material solto, resultante da desintegração e abrasão, ou mesmo a qualquer produto relacionado ao desgaste. Neste sentido o nome da unidade é inadequado, além de ser desnecessário, pois, especifica uma condição da crosta laterítica que em muitos casos, não é a predominante na unidade. Ainda assim a utilização do termo “detrito” pode induzir a uma associação com aspectos ou processos sedimentares. Em muitos casos, devido a problemas de escala, os mapas geomorfológicos não correlacionam as crostas lateríticas a processos residuais e não destacam quaisquer outros atributos genéticos (textura, estrutura, etc.). Há, portanto, nítida falta de padronização das nomenclaturas, entendimentos equivocados a respeito de sua gênese e descrições pouco claras que contribuem negativamente na individualização correta das unidades lateríticas. Por outro lado, a escassez de dados geocronológicos, em crostas lateríticas, contribui pouco para as discussões relacionadas aos aspectos evolutivos e sua individualização mais criteriosa como unidade nos mapas geológicos. As crostas lateríticas alóctones, também conhecidas como linhas de pedra são normalmente constituídas por fragmentos de crostas e formam corpos com alguns centímetros de espessura e são derivadas dos processos erosivos atuantes em crostas lateríticas. A formação das linhas de pedra está relacionada à deposição dos produtos de desmantelamento próximo a área fonte e intimamente relacionada a escorregamentos locais e transporte com contribuição de água. Sugere-se, portanto a descrição das crostas lateríticas sempre vinculada ao processo de intemperismo (residual) e formação do solo (pedogênese) especialmente quando a descrição estiver relacionada a produtos “*in situ*”. As descrições relacionadas aos produtos de desmantelamento que passaram por algum tipo de transporte local, como aqueles associados à colúvios, devem ser descritas dentro dos próprios colúvios e cartografadas de acordo com a escala e área de exposição. Os mapeamentos de detalhe devem se referir a tais colúvios como “constituídos por produtos do desmantelamento de crostas lateríticas” ou simplesmente “constituídos por fragmentos de crostas lateríticas”. Portanto as crostas lateríticas (autóctones) devem ser referenciadas como depósitos residuais associados a processos pedogenéticos que frequentemente estão vinculados a formas de relevo de topo tabular por vezes associadas à colúvios e nunca tratada como produtos sedimentares.

PALAVRAS CHAVE: LATERITO; INTEMPERISMO; RONDÔNIA.